



Recebido em
29-11-2018

Aprovado em
25-03-2019

Como citar este artigo

Lopes, RC; Nóbrega-Therrien, SM; Araújo, PA. [A formação da Auxiliar de Enfermagem no Ceará - 1954-1961]. *Hist enferm Rev eletrônica* [Internet]. 2019; 10(1):10-20.

Autor correspondente

Roberlandia Evangelista Lopes. Endereço: Rua Cel. Antonio Rodrigues Magalhães, 359 - D. Expedito Lopes, Sobral CEP 62050-100. E-mail: roberlandialopes@hotmail.com

*Em todo texto será feito a escolha de referir o curso de Auxiliar de Enfermagem com a especificação feminina, característica da época da pesquisa (1954-1961). Assim, as autoras irão referir neste escrito curso/ensino da Auxiliar de Enfermagem, especificamente, em alusão ao que foi mencionado. É notório o fato de que a enfermagem é uma profissão exercida, majoritariamente, por mulheres, tanto em seu nível técnico como no nível superior (Costa, Freitas, Hagopian, 2017)⁽⁴⁾.

A formação da Auxiliar* de Enfermagem no Ceará - 1954-1961

The formation of the Nursing Assistant in Ceará - 1954-1961

La formación de la Auxiliar de Enfermería en Ceará - 1954-1961

Roberlandia Evangelista Lopes^I, Silvia Maria Nóbrega-Therrien^{II}, Perpétua Alessandra Araújo^{III}

^I Centro Universitário INTA-UNINTA, Curso de graduação em Enfermagem. Sobral, CE, Brasil.

^{II} Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza, CE, Brasil.

^{III} Centro Universitário INTA-UNINTA, Curso de graduação em Enfermagem. Sobral, CE, Brasil.

RESUMO

Este artigo objetivou reconstituir o ensino da Auxiliar de Enfermagem na Escola de enfermagem São Vicente de Paulo, em Fortaleza, Ceará nos anos de 1954-1961. Estudo histórico, com abordagem qualitativa. Resolveu-se “enxergar” as fontes utilizadas neste artigo através da História Cultural. Depreendeu-se das fontes escritas e orais são a respeito da Escola de enfermagem São Vicente de Paulo de Fortaleza. Constatou-se que reconhecimento ensino da Auxiliar de Enfermagem da EESVP se deu em 1958. O ensino da Auxiliar de Enfermagem obedecia a dois eixos: o ensino básico e o ensino profissionalizante. Foi possível identificar que a proposta desta escola era quase toda voltada para a área hospitalar, a qual fundamentava quase todas as suas atividades em ações individuais e curativas. Assim, o ensino Auxiliar de enfermagem representa, de certo modo, uma arrumação do cenário na enfermagem que afunila para duas profissões, no caso a enfermeira e a Auxiliar de enfermagem.

Descritores: Capacitação profissional; Papel do Auxiliar de Enfermagem; Ensino; História; Enfermagem.

ABSTRACT

This article aimed to reconstitute the teaching of the Nursing Assistant at the São Vicente de Paulo School of Nursing, in Fortaleza, Ceará, in the years 1954-1961. Historical study, with a qualitative approach. It was resolved to “see” the sources used in this article through Cultural History. It was inferred from written and oral sources about the São Vicente de Paulo School of Nursing in Fortaleza. It was verified that the teaching of the Nursing Assistant of the EESVP occurred in 1958. Nursing Assistant teaching was based on two axes: basic education and vocational training. It was possible to identify that the proposal of this school was almost all directed to the hospital area, which based almost all its activities on individual and curative actions. Thus, Auxiliary Nursing teaching represents, in a way, a configuration of the nursing scenario that links to two professions, in this case the nurse and the Nursing Assistant.

Descriptors: Professional Training; Nurse's Role; Teaching; History; Nursing.

RESUMEN

Este artículo objetivó reconstituir la enseñanza de la Auxiliar de Enfermería en la Escuela de enfermería São Vicente de Paulo, en Fortaleza, Ceará en los años 1954-1961. Estudio histórico, con enfoque cualitativo. Se resuelve “ver” las fuentes utilizadas en este artículo a través de la Historia Cultural. Se dedujo de las fuentes escritas y orales son acerca de la Escuela de enfermería São Vicente de Paulo de Fortaleza. Se constató que el reconocimiento enseñanza de la Auxiliar de Enfermería de la EESVP se dio en 1958. La enseñanza de la Auxiliar de Enfermería obedecía a dos ejes: la enseñanza básica y la enseñanza profesional. Fue posible identificar que la propuesta de esta escuela era casi todo volcada hacia el área hospitalaria, la cual fundamentaba casi todas sus actividades en acciones individuales y curativas. Así, la enseñanza Auxiliar de enfermería representa, en cierto modo, una ordenación del escenario en la enfermería que afila para dos profesiones, en el caso la enfermera y la Auxiliar de enfermería.

Descriptor: Capacitación Profesional; Rol de la Enfermera; Enseñanza; Historia; Enfermería.

INTRODUÇÃO

A Enfermagem historicamente foi exercida por leigos e atendentes. Com vistas a assistência de boa qualidade à população do Brasil, se fez necessário a capacitação dessas pessoas em cursos de Auxiliares de Enfermagem⁽¹⁾.

Sobre o ensino da Auxiliar de Enfermagem, a princípio se expõe que este passa a ser legalizado no Brasil, através da Lei nº 775, de 6 de agosto de 1949, que dispõe sobre o ensino de enfermagem no país e dá outras providências. Esta Lei é composta por 24 artigos e foi sancionada pelo presidente Eurico Gaspar Dutra. No mesmo ano, o Decreto nº 27.426, de 14 de novembro, surgiu para facilitar a aplicabilidade da referida Lei e deu algumas disposições mais específicas sobre o ensino da enfermagem no país. Este Decreto aprovou o regulamento básico para o curso de formação da Enfermeira e da auxiliar de enfermagem, sendo composto por 73 artigos. Nestes atos normativos, ora mencionados, há que o ensino de enfermagem deveria compreender dois cursos ordinários: a) curso de Enfermagem; e, b) Curso de Auxiliar de enfermagem, sendo que o primeiro teria duração de 36 meses e o segundo de 18 meses⁽²⁾.

Feitas estas ponderações, adianta-se que este escrito, se deterá na formação da Auxiliar de Enfermagem, porém situa a origem da Escola formadora desta profissional, no caso a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo-EESVP. Esta escola foi criada em 15 de fevereiro de 1943, primeira escola para o Ensino de Enfermagem no Estado do Ceará e primeira Escola de Enfermagem do Nordeste⁽³⁾. Foi no ano de 1946 também, que a EESVP foi equiparada a Escola Ana Nery, de acordo com Decreto nº 21.855 - DOU 26/09/46. Porém, a única profissional formada até 1954 nesta referida escola era a Enfermeira, que à época recebia a nomeação Enfermeira diplomada.

Só em 1954, houve a implantação do curso de Auxiliar de Enfermagem na EESVP, 5 anos após a Promulgação da Lei 775 de 1949, que instituiu a criação legal do curso de Auxiliares de Enfermagem no Brasil. Pode-se inferir que a espera da sua implantação se deve, entre outros fatores, a demora na aceitação deste novo membro na profissão no Ceará, uma vez que, havia um cenário de intranquilidade e de incertezas inseridas nesse movimento de mudanças por parte de algumas Escolas, especialmente a Escola Ana Nery, nesta década de 1940. Também, movimentos foram desencadeados tanto no Brasil, notadamente via Associação Brasileira de Enfermagem, como no Ceará, pela EESVP, contra a promulgação da Lei nº 775, de 6 de agosto de 1949. Entre os critérios formativos para ingressar no curso de Auxiliar de Enfermagem havia a necessidade de ter o nível primário⁽⁵⁾, conforme orientação do Decreto nº 27426 de 14 de novembro de 1949

Assim, trazer à tona a formação da Auxiliar de Enfermagem, de forma em geral, pode contribuir para se entender o que estava implícito e/ou sofreu bruscas descontinuidades que contribuíram na condução de sua trajetória profissionalizante.

OBJETIVO

Para tanto, busca-se neste artigo reconstituir o ensino da Auxiliar de Enfermagem da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP), escola pioneira em Fortaleza, Ceará nos anos de 1954-1961.

MÉTODOS

Coloca-se que o presente estudo histórico, é de natureza qualitativa em sua abordagem. Tendo-se consciência de que existem inúmeras formas de compreender o passado, optou-se pela História Cultural (HC) como referencial teórico-metodológico para desenvolver esta investigação, especialmente focando o relacionamento da HC com as fontes e seu tratamento. A EESVP do Ceará foi o campo empírico deste estudo, tendo em vista que nas instituições de ensino que ocorre o encontro de diversas culturas, pois são ambientes em que o indivíduo tem a oportunidade de expressar sua cultura vivida⁽⁵⁾. O recorte temporal definido, ou seja, 1954-1965 se justifica respectivamente: primeira turma de Auxiliar de Enfermagem e último ano para o ingresso de outra categoria na profissão, no caso o Técnico de Enfermagem. O período da coleta de informações foi de novembro de 2015 a janeiro de 2017.

Diante das escolhas e orientações referidas acima acerca da HC, fez-se a decisão de especificá-la, ou melhor, focar a lente do artigo no relacionamento da HC com as fontes e seu tratamento. Feita estas considerações e nessa direção, prioriza-se, metodologicamente, a pesquisa documental histórica. Consequentemente, apoia-se na análise da fonte documental escrita⁽⁶⁻⁷⁾ e oral⁽⁸⁾.

Para instrumentalizar metodologicamente esta pesquisa, foram utilizadas fontes da EESVP, entre elas: o Decreto Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, que trata do ensino secundário, por esta categoria (auxiliar de Enfermagem) ter em sua formação a fusão entre o primeiro ano e segundo ano do ensino secundário-ginasial e ensino profissional. Assim, como os artigos noticiosos: “Importantes sugestões foram apresentadas pelo Centro Médico Cearense à comissão de educação de 17 de abril de 1947”; “Turma de auxiliares de enfermagem de 11 de dezembro de 1959”; “Colação de grau da IV turma de Auxiliares de enfermagem de 13 de setembro de 1962”. O manuscrito original “Carga horária teórica e prática do curso de Auxiliar de Enfermagem em 1958”; “Currículo vitae Terezinha Carmelita da Cruz Gadelha (Enfermeira), de 16 de maio de 1988”⁽⁹⁾. Estes documentos, ora mencionados, pertencem ao acervo do Núcleo de Documentação Informação História e memória da Enfermagem no Ceará-NUDIHME. O NUDIHMEn tem como objetivo constituir-se de um celeiro de pesquisa e documentação relativa à história da Enfermagem no universo brasileiro em particular, o cearense.⁽¹⁰⁾

Compreendeu-se que estes (documentos escritos) são monumentos. Guiada por Luchese⁽¹¹⁾ procedeu-se a análise dos documentos escritos. Logo, em face de todo esse contexto, consideraram-se as fontes encontradas e listadas acima como importantes, porém, o percurso demandou que fontes orais fossem aliadas às fontes escritas, no intuito de complementar estas informações e, sobretudo, ratificá-las quando necessário.

Assim, foi tomada a palavra gravada de uma professora Enfermeira da EESVP, no caso Maria Valquíria Albuquerque Sacramento¹ que teve a inserção direta junto não somente ao curso de formação da Enfermeira, mas, sobretudo, no curso e ou programa de ensino da Auxiliar de enfermagem, em Fortaleza/Ceará.

Após a recolha do documento sonoro que foi gravado e autorizado pela professora, se realizou a análise do material colhido⁽¹²⁾. O estudo apresenta o seguinte parecer nº 1.509.938. Salienta-se, que a professora Valquíria assinou o Termo de consentimento Livre Esclarecido-TCLE.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão desse artigo apresentam informações relevantes acerca da construção do curso da Auxiliar de Enfermagem, assim como se expressa a análise e interpretação do seu primeiro e segundo ano ginasial através Decreto Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, instituído pela EESVP entre 1954-1961.

A primeira turma de Auxiliar de enfermagem da EESVP foi implantada em 1954, motivos há pouco comentados. O curso tinha duração de 2 anos. Essa primeira turma da EESVP (1954) colou grau em 1958, com as turmas de 1955 e 1956. Entretanto, a maioria das Auxiliares de Enfermagem que frequentavam a referida escola já trabalhavam nos Hospitais do Estado do Ceará, mesmo sem a certificação. E os motivos para essa colação em conjunto, onde a primeira turma de formandas precisou

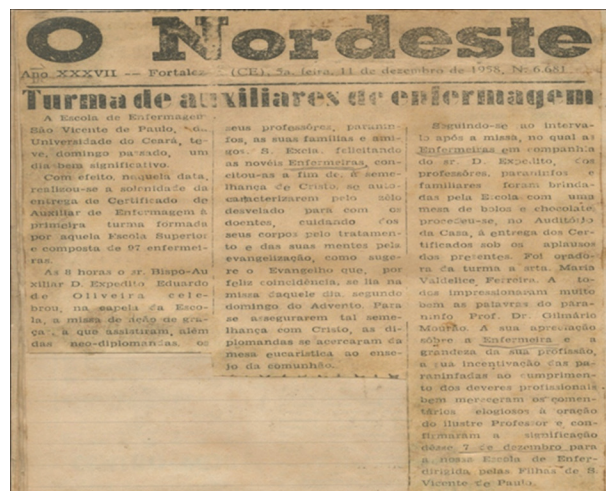
¹Graduação em Enfermagem EESVP - 1955, Secretária do curso de Enfermagem- 1965-1976 e Coordenadora do Curso de Auxiliar de Enfermagem- 1954-1977.

esperar dois anos para obter sua certificação é narrada pela coordenadora do Curso, professora Maria Valquíria Albuquerque Sacramento:

[...] foram os primeiros anos juntos (1954, 1955 e 1956), porque o curso de Auxiliar de Enfermagem ainda não era aprovado. Elas faziam exames de admissão na Escola. A primeira turma entrou com muita gente, porque eram atendentes de Enfermagem a época dos hospitais, como o CesarCalls e a Assistência Municipal. (E1)

Assim, constata-se que o reconhecimento do curso da Auxiliar de Enfermagem da EESVP não ocorre com a primeira turma formada (1955), mas três anos depois, uma vez que este reconhecimento só se deu em 1958, através do Decreto nº 44.052, de 22 de julho do referido ano. Nesse mesmo ano, depois do seu reconhecimento oficial, o jornal O Nordeste (11.12.1958) anuncia e divulga para população cearense a formação da primeira turma de Auxiliar de Enfermagem da EESVP com a certificação de 97 alunas (turmas de 1954, 1955 e 1956). Portanto a primeira solenidade de colação de grau do Curso de Auxiliares de Enfermagem, da EESVP, composta pelas turmas dos anos 1954, 1955 e 1956? formada pela junção de três. A Figura 1 mostra um artigo noticioso sobre a formação das mencionadas turmas.

Figura 1 – Foto da matéria sobre colação de grau da primeira turma de Auxiliar de enfermagem da EESVP em 1958. Fortaleza, Brasil, 2017.



Fonte: Jornal O NORDESTE, 11.12.1958.

Observa-se na matéria acima, que mesmo depois do seu reconhecimento (Auxiliar de enfermagem), em 22 de julho de 1958, quase seis meses (11.12.1958) após o término da terceira turma é que ocorre a primeira colação de grau da EESVP. Questionada sobre essa situação, a professora Maria Valquíria Albuquerque Sacramento afirma que a Escola passava por muitos problemas estruturais e financeiros e nesse sentido além de ter, portanto, muitas dificuldades de conseguir professoras Enfermeiras², sem remuneração, muitas vezes, para ministrarem as disciplinas do curso de Auxiliar de Enfermagem em especial às específicas (profissionalizantes), e ir fechando as turmas; as dificuldades de organização e andamento de turmas concomitantes de cursos de Auxiliar de enfermagem e de formação da própria Enfermeira, eram enormes para serem administradas nessa escassez de recursos de toda sorte.

Não se pode deixar de perceber também, no escrito veiculado por esse jornal (Imagem 01), o discurso religioso que se dirige às Auxiliares de Enfermagem para abnegação, para o amor e a doação. Sobre essa condição é importante destacar que o Jornal O Nordeste, que circulava no Ceará fundado em 1922 era administrado até 1967 (ano de sua extinção) pela Igreja Católica, fato que justifica o foco missionário e filantrópico da notícia. Sem deixar de lembrar que o curso também estava inserido em uma Escola criada por uma Congregação de religiosas, as Filhas de caridade de São Vicente de Paulo.

Especificamente em seu escrito⁽¹³⁾ sobre o Nordeste-trajetória de um jornal católico, o Jornal O Nordeste, foi durante 45 anos (tempo de existência do periódico) um aliado de peso da Igreja Católica no Ceará. O

²Destaca-se que essas professoras eram em sua maioria formadas pela própria EESVP, uma vez que, a mesma já existia desde 1943 e, algumas tiveram sua formação vinculada a Escola Ana Nery, 1926. Em sua maioria, elas ensinavam para as Enfermeiras cearenses e para Auxiliares de Enfermagem deste Estado.⁽¹²⁾

fato deste não ser reconhecido como órgão oficial da Arquidiocese de Fortaleza/CE não implicou, contudo, numa menor ligação com o clero local. Os padres eram grandes propagandistas do periódico, que, por sua vez, assumiram o papel de propagadores da doutrina católica. Esse fato, naturalmente também, estava implicado na formação da Auxiliar de Enfermagem nesse Estado, até por que, como há pouco se assinalava, a atuação de religiosas de São Vicente de Paulo ou vicentinas foi de fundamental importância para a instalação da Enfermagem Profissional no Estado do Ceará, em especial com a criação da EESVP, em 1943.

A perspectiva, no entanto, de associar à imagem desta profissional (Auxiliar de Enfermagem) a imagem de Cristo, como descrito na notícia veiculada no Jornal de certo modo, gera reflexão⁽¹⁴⁾: amor e doação estão associados ao exercício da obediência e humildade, contribuindo para que faça parte do ideário da sociedade que as enfermeiras trabalhem sempre a serviço do outro, sem uma remuneração justa ou mesmo condições de trabalho que possibilitem um digno exercício da profissão.

Retomando a apresentação e discussões sobre as exigências da nova ordem e sua relação com o programa de ensino da Escola EESVP para o curso de Auxiliar de enfermagem se avança para referir que na matrícula do curso era necessário apresentar a certificação do curso primário e o exame de admissão para o primeiro ano ginasial ou certificado de aprovação no exame de admissão.

Sobre o exame de admissão para a matrícula, foi colhido junto à professora Maria Valquíria Albuquerque Sacramento que era um exame realizado pela própria Escola com a aplicação de provas de português, aritmética, história do Brasil e geografia. Uma vez aprovadas no curso de Auxiliar de Enfermagem da EESVP, as alunas, que já deveriam ter o ensino primário, cursavam, conjuntamente com as disciplinas profissionalizantes da enfermagem, o primeiro e segundo ano ginasial, a partir daí, recebiam a autorização para sua inserção no terceiro ano ginasial. Os quatro anos ginasiais equivale hoje (2018), a ter cursado o nível médio. Sobre essa condição, atente-se para a fala abaixo: “muitas delas terminaram o ginásio e fizeram enfermagem” (Maria Valquíria Albuquerque Sacramento).

Em sua fala, a Maria Valquíria Albuquerque Sacramento explica que “a escola (EESVP) foi pioneira nessa proposta e fusão e aproveitamento”. Complementa, ainda:

Só depois que viajamos para Terezina-PI para apresentar a experiência dessa articulação entre ensino básico e profissional é que as escolas de lá gostaram e aderiram ao mesmo esquema de junção e aproveitamento, e, depois foi o da Bahia (BA). (E1)

Não é demais mencionar novamente que na motivação da aluna ingressante houvesse a realização concomitantemente do primeiro e do segundo ano ginasial mais a parte profissionalizante da enfermagem no curso de Auxiliar de Enfermagem. Assim, se tentava sanar a necessidade educacional do Ceará, uma vez que muitas candidatas não possuíam o nível de instrução exigido pela Lei nº 775 de 1949 à época (1954-1961) no Estado. Essa realidade, não necessariamente específica do Ceará, mas de todo o País, até por que, pouco antes disso (1942), à necessidade de formação de pessoal do nível médio para este trabalho, o que não fazia parte da política educacional brasileira⁽¹⁵⁾.

No entanto, uma evidência literária aponta para que esta fusão (ensino básico com profissionalizante) era uma postura nacional, no caso, o texto: estudo sobre o currículo do curso de Auxiliar de enfermagem⁽¹⁶⁻¹⁷⁾. No estudo se encontra uma orientação de que o curso de Auxiliar de Enfermagem ocorresse em 2 anos, ao nível de primeira e segunda série ginasial. Segundo a autora supracitada, esta postura seguia as bases orientadas pelo Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil, realizado pela Associação Brasileira de Enfermagem tendo como foco o período de 1954 a 1958. Acredita-se que esta discussão tenha influenciado diretamente a decisão da EESVP em fundir o ensino básico com o ensino específico da enfermagem.

Há outra produção, no caso⁽¹⁸⁾: a ideia prevalente na época era a criação de cursos articulados; no caso do curso de Auxiliar de Enfermagem, essa articulação somente poderia ser realizando integrando as cinco disciplinas básicas, a saber: Português, Matemática, Geografia, História e Ciências naturais com as disciplinas técnicas – o que vinha acontecendo sob os cuidados das Escolas.

Mais tarde, sobre essa condição, foi publicada a Portaria Ministerial nº 106, de 28 de abril de 1965⁽¹⁹⁾, a qual regulamentava o Curso de Auxiliar de Enfermagem no sistema federal de ensino, fixando-lhe em seu Artigo 3 que, o “currículo abrangerá as cinco disciplinas gerais, relativas às duas primeiras séries do curso ginasial, além das disciplinas específicas do Curso”. O que deixava oficializada essa condição de junção e orientava as escolas nesse sentido.

Logo, o ensino da Auxiliar de Enfermagem na EESVP obedecia a dois eixos: o ensino básico (primeiro e segundo ano ginásial) e o ensino profissionalizante (eixo profissional da enfermagem) que deveriam ser concluídos em 18 meses de formação, durante dois turnos. Em termos comparativos, esse tipo de ensino adotado por esta escola de enfermagem, no caso, a EESVP equivaleria ao que temos em vigor desde o ano de 2004 como ensino médio integrado, regulamentado através do Decreto nº 5.154, de 23 de julho 2004.

Referente ao ensino básico que a Auxiliar de Enfermagem cursava na EESVP, se tem que esta escola atendia o mesmo direcionamento da Lei orgânica do ensino secundário (Decreto Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942), sobretudo seu primeiro e segundo ano, em todo Brasil. Fato confirmado pela professora E1, como se pode ver a seguir:

Eram dois anos. A carga horária e as matérias eram as mesmas do ginásio que eram ministradas em todo o Brasil. O certificado era registrado na Secretaria de Educação do Estado (Ceará) e depois ia para o Conselho de Educação. O conselheiro era o Padre Joselito de Oliveira. Depois ia para o Ministério da Educação, o MEC. (Maria Valquíria Albuquerque Sacramento)

Essa condição, de certo modo, motivou esta investigação no sentido de utilizar o Decreto Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, que tratava da Lei orgânica do ensino secundário no Brasil, para que de forma comparada fosse possível situar as disciplinas do ciclo básico visto pelas Auxiliares de enfermagem na EESVP, durante o primeiro e segundo ano ginásial. Destaca-se, que as Leis Orgânicas do Ensino Secundário ou Reforma Capanema que ocorreram em 1942 e estiveram em vigor no Brasil até 1961.

A reforma (Capanema)⁽²⁰⁾ tem sua relação com a enfermagem quando as autoras falam do jogo de forças na reorganização da Escola de profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, em 1937 a 1941, quando: “no momento da reforma Capanema, a precariedade da mão-de-obra nos serviços de enfermagem era considerada um dos grandes problemas dos serviços de saúde do país [...] fator, entre outros que acabariam levando a reforma Capanema a se aproximar da enfermagem” – o que de fato vem a acontecer.

Então, a Lei do ensino secundário, de certo modo, propiciou a proposição, tramitação e sanção de uma Lei específica para o Ensino de Enfermagem (Lei nº 775 de 1949). Esse aspecto é importante, uma vez que a nova ordem exige um grau de preparação da candidata ao curso de Auxiliar de enfermagem, ou seja, nível primário e o exame de admissão no primeiro ano ginásial, como já descrito acima.

Dito isto, expõe-se no Quadro 1 a estrutura do primeiro e segundo ano do curso ginásial, descrito no Decreto Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, e ofertado a Auxiliar de Enfermagem na EESVP nos anos 1954-1961.

Quadro 1 – Estrutura do primeiro e segundo ano do curso ginásial descrito no Decreto Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, ministrado a Auxiliar de Enfermagem na EESVP. Fortaleza, Brasil, 2017.

| Decreto Lei n. 4.244 de 1942- Primeiro ano | EESVP- Primeiro ano | Decreto Lei n. 4.244 de 1942- Segundo ano | EESVP- Segundo ano |
|--|---------------------------------------|---|--|
| Português | Português | Português | Português |
| Latim | Latim | Latim | Latim |
| Francês | Francês | Francês | Francês |
| Matemática | Matemática | Matemática | Matemática |
| Geografia Geral | Geografia Geral | Geografia Geral | Geografia Geral |
| História Geral | História Geral | História Geral | |
| - | - | Ingês | Inglês |
| Trabalhos manuais | Trabalhos manuais | Trabalhos manuais | Trabalhos manuais |
| Desenho | Desenho | Desenho | Desenho |
| Canto Orfeônico | Canto- Professor: Padre Edilson Silva | Canto Orfeônico | Canto- As auxiliares de enfermagem se apresentavam nas festas promovidas pela EESVP. |

continua

Continuação do Quadro 1

| Decreto Lei n. 4.244 de 1942- Primeiro ano | EESVP- Primeiro ano | Decreto Lei n. 4.244 de 1942- Segundo ano | EESVP- Segundo ano |
|--|--|---|--|
| --- | Cultura religiosa- Professor: Padre Edilson Silva- Membro da Igreja Católica Cearense que contribuía voluntariamente com a EESVP | --- | Cultura religiosa- Professor: Padre Edilson Silva- Membro da Igreja Católica Cearense que contribuía voluntariamente com a EESVP |

Fonte: Entrevista Maria Valquíria Albuquerque Sacramento, Fortaleza, CE, 2015 -2017.

No Quadro 1 é possível observar que a EESVP ofertava uma disciplina a mais que a prevista no Decreto Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942 (Lei do ensino secundário), ou seja, esta referida escola, por ser de origem religiosa, optou por ministrar a disciplina cultura religiosa. O interesse da instituição na referida disciplina, tem sua justificativaalicerçada na oportunidade formal pela qual o ideário da EESVP, fundamentado na missão (visão cristã de cultura), chegava a todas as alunas do curso de Auxiliar de Enfermagem. Porém, importa dizer que mesmo sem a instituição destas disciplinas nas seriações sugeridos pelo Decreto do ensino secundário, em seu Artigo 21, havia a seguinte prerrogativa: o ensino de educação religiosa constitui parte integrante da educação adolescência, sendo lícito aos estabelecimentos de ensino secundário incluí-lo nos estudos do primeiro e do segundo ciclo, deixando, assim a opção das escolas adotarem ou não essa referida disciplina.

Ainda se referindo as informações contidas no Quadro 1 acima, é interessante pontuar que com o passar dos anos, algumas disciplinas acima assinaladas foram deixando de ser ofertadas no curso de Auxiliar de Enfermagem na EESVP, entre elas o latim e o francês.

Latim e o francês, foi ofertada por pouco tempo. Não era uma coisa obrigatória. A primeira turma de Auxiliar de Enfermagem já trabalhava. Então, eram sobrecarregadas e, não tinha como elas darem conta de todas essas disciplinas. Assim, as irmãs priorizavam algumas disciplinas, como o português, por exemplo (Maria Valquíria Albuquerque Sacramento).

Diante da fala da professora Valquíria, se evidencia a valorização do ensino da língua portuguesa na EESVP, pois, nesse momento, havia uma preocupação quanto ao ensino da língua nacional, dando grande importância ao aprendizado correto da fala e da escrita. Tal fato demonstra uma preocupação política, visto que o país vivia um momento histórico ligado à nacionalização do ensino – e a enfermagem não fugia desse contexto.

Diante do que se discute, importa lembrar, mais uma vez, que a formação na área da enfermagem seguiu a mesma lógica das demais categorias profissionais, sendo também precarizada.

Assim, o curso de Auxiliar de Enfermagem emergiu em 1949, articulado ao contexto socioeconômico, com a industrialização e a urbanização crescente, contribuindo para deterioração da vida e da saúde dos brasileiros, aumentando a demanda de profissionais de enfermagem, com menor tempo de escolarização, para assistência no setor hospitalar⁽¹⁷⁾.

Dadas essas “pistas”, ou seja, discutindo como se organizava o curso da Auxiliar de Enfermagem na EESVP (1954-1961) em termos de ensino básico, começa-se a apresentar o programa de ensino profissionalizante (parte específica da formação) de tal curso. Destaca-se, de antemão, que o ano em que as disciplinas eram ministradas na EESVP nem sempre obedecia à sequência planejada no programa do curso de Auxiliar de Enfermagem. Afirmação que, se ancora na fala da professora Maria Valquíria Albuquerque Sacramento quando esta assinala:

O curso de Auxiliar era um curso que se desenvolvia conforme o que se tinha para atender as suas necessidades. Nem sempre tínhamos professores disponíveis. Quando uma disciplina não dava para ser ofertada no primeiro ano, se via no segundo ano. (Maria Valquíria Albuquerque Sacramento).

Esse depoimento remonta à dificuldade que a EESVP tinha na alocação de professores para parte específica do curso de Auxiliar de Enfermagem, provavelmente pela escassez de Enfermeiras no Estado,

assim como as precárias condições financeiras dessa Escola para suprir esta necessidade de pessoal. Sobre isso, a professora Maria Valquíria Albuquerque Sacramento ainda lembra que: “Os professores do curso passavam meses sem receber seus vencimentos. Muitos davam as aulas mais pelo amor à escola. Mas, quando a Escola recebia recursos³ ela juntamente com uma das irmãs era encarregada de fazer os pagamentos.” (Professora Maria Valquíria Albuquerque Sacramento).

Assim, as matérias específicas da enfermagem eram ministradas conforme disponibilidade do professor, podendo ser no primeiro ou segundo ano do curso. Nesse sentido, o Quadro 2 sumariza os conteúdos teórico-práticos e estágios desta profissional. Salienta-se que este programa foi organizado segundo relato oral da professora Maria Valquíria Albuquerque Sacramento, especificamente através de sete entrevistas nos anos de 2015-2017. Para facilitar o remonte desta parte da história, as pesquisadoras utilizaram o programa de ensino oriundo na Lei 775 de 1949. Lei que regulamenta o curso de Auxiliar de enfermagem em todo Brasil. Salienta-se, também, que não foi possível apontar os professores específicos em cada disciplina, assim como a carga horária total do curso, referido no quadro 2.

Quadro 2 – Conteúdos teórico-práticos e estágios do programa de ensino da Auxiliar de enfermagem proposto pela EESVP no ano de 1954 a 1961. Fortaleza, Brasil, 2018.

| Auxiliar de Enfermagem (1954-1961) | Auxiliar de Enfermagem da EESVP (1954-1961) |
|------------------------------------|--|
| 1º e 2º Ano | Enfermarias de clínica médica geral de homens e mulheres. |
| Introdução à Enfermagem | Enfermarias de clínica cirúrgicas geral, de homens e mulheres. |
| Noções de ética | Sala de operações e centro de material cirúrgico |
| Anatomia | Maternidades/Berçários |
| Higiene e sua relação com saúde | Cozinha Geral |
| Alimento e seu preparo | Departamento de Saúde Pública |
| Enfermagem elementar | Clínicas psiquiátricas |
| Economia hospitalar | Carga horária: 1º ano- 475hs 2º ano- 313hs |
| História de Enfermagem | |
| Técnica de Enfermagem | |
| Técnicas de ataduras | |
| Enfermagem Pediatra | |
| Enfermagem Psiquiátrica | |
| Enfermagem Materno infantil | |
| Enfermagem de Saúde Pública | |

³As unidades de saúde pública eram a época modelos de atenção preventiva e recebiam recursos as Escolas que quisessem implantar o curso de Auxiliar de Enfermagem. Inclusive, o Fundo das Nações Unidas-UNICEF, antigamente (1946) Fundo Internacional de Socorro à Infância (Fisi) para os estágios das alunas do curso providenciou bolsas a estas alunas e mais tarde um ônibus de marca americana, aqueles de cor amarela que levava as alunas do curso de auxiliar de enfermagem para os campos de estagio.⁽²¹⁾

Sobre o quadro 2 acima, interessa pontuar a presença de disciplinas que atendiam a necessidade regional, em especial, como forma de prover pessoas qualificadas também para aturem junto as epidemias que assolavam a região à época (1954-1961), tendo com exemplo a disciplina de Saúde Pública. Mas, se descobre também outros passos dados para a inserção da Auxiliar de Enfermagem no campo da Saúde pública, especialmente algumas decisões e sugestões da Associação Brasileira de Enfermagem-ABEn Nacional registradas por (Carvalho,1976) e dirigidas as Escolas e sua Diretoria que mesmo publicadas em 1976 são referentes aos anos de 1952 a 1955.

- 1952: Foram iniciados estudos em São Paulo sobre o aproveitamento da Auxiliar de Enfermagem no campo da saúde pública. Com essa finalidade foi criada uma comissão consultiva, formada

pelos diretores das seguintes instituições: Faculdade de Higiene e Saúde Pública, Escola de enfermagem da Universidade de São Paulo, Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas e Serviço Especial de Saúde Pública.

- 1953: A comissão consultiva reconheceu a necessidade desse pessoal no serviço de saúde pública e foram apresentadas sugestões para modificação dos currículos do curso.
- 1955: No VII Congresso de Enfermagem fez-se uma recomendação para que as escolas de Auxiliares de Enfermagem incluíssem no currículo do curso, estágios de ambulatórios e educação sanitária aplicada.
- 1959: As diretoras das Escolas de Enfermagem foram novamente alertadas que incluíssem no currículo do curso da Auxiliar de enfermagem teoria e prática de saúde pública.

Um registro importante, uma vez que evidenciava a presença constante e vigília da Associação da categoria (Enfermagem) quanto às questões de formação de seus profissionais, atentas no direcionamento de seus conteúdos e áreas de ensino. Claro que mesmo tendo tido um grupo de Enfermeiras dirigentes da ABEn contrárias à implantação da nova ordem, como ocorreu também no Estado do Ceará, como já assinalado. Porém, com a Lei 775 de 1949 que instituiu o curso de Auxiliar de Enfermagem, restou a sua vigilância e direcionamento.

Ainda, pontua-se que referente à carga horária das disciplinas ministradas a Auxiliar de Enfermagem na EESVP foi possível identificar através de um Manuscrito original a carga horária teórica e prática do curso da Auxiliar de Enfermagem em 1958: “Carga horária teórica e prática do curso de Auxiliar de Enfermagem em 1958”, sendo que no primeiro ano de formação (238 hs) as alunas do curso de Auxiliares de Enfermagem tinham uma carga horária de disciplinas maior do que as previstas para o segundo ano (161 hs). Com relação a essa divisão mais concentrada no primeiro ano a professora Maria Valquíria Albuquerque Sacramento nos assinala que: “era dedicação integral. Tinham uma carga horária grande a cumprir. O curso de Auxiliar de enfermagem sempre foi dois turnos, principalmente por causa das aulas do primeiro e segundo ano ginasial”. (Maria Valquíria Albuquerque Sacramento). É lembrado que na época era comum os cursos se realizarem em regime de internato ou semi-internato. “Isso acontecia nas Escolas, sobretudo de religiosas, como era o caso da EESVP. “Por que lá na escola tinha um internato. Vinha o pessoal de fora fazer o curso de Auxiliar de enfermagem. Tínhamos pessoas do Maranhão, Piauí, Bahia, vários lugares” (Maria Valquíria Albuquerque Sacramento).

Com relação aos estágios obrigatórios no programa do curso da Auxiliar de enfermagem a EESVP ofertava estágio em maternidades, clínicas psiquiátricas e unidades de saúde pública.

Elas estagiavam no hospital e, também, na saúde pública. A UNICEF mandou para elas o equipamento todinho de saúde pública [...]. Os campos de estágios eram no mesmo espaço dos estágios realizados pelas alunas que faziam o curso de Enfermeiras: Assistência Municipal, Santa Casa de Misericórdia. Sim. E logo no começo elas tiveram estágio no Hospital da Polícia Militar, enfermarias de tuberculose na Santa Casa de Fortaleza-CE (Maria Valquíria Albuquerque Sacramento).

As unidades de saúde pública eram a época modelos de atenção preventiva e recebiam recursos as Escolas que quisessem implantar esse tipo de assistência, como os assinalados pela professora Maria Valquíria Albuquerque Sacramento. Inclusive, o Fundo das Nações Unidas-UNICEF, antigamente (1946) Fundo Internacional de Socorro à Infância (Fisi) para os estágios das alunas do curso providenciou bolsas a estas alunas e mais tarde um ônibus de marca americana, aqueles de cor amarela que levava as alunas do curso de Auxiliar de enfermagem para os campos de estágio. Veja a confirmação deste fato, ora anunciado na fala de Maria Valquíria Albuquerque Sacramento:

As Auxiliares de enfermagem eram as que tinham mais direito. Por que a irmã Syrene de Castro Bomfim-Primeira Coordenadora do curso da Auxiliar de Enfermagem- arranhou com a Fise, as bolsas do Fisi. elas pagavam o pensionato das Auxiliares de enfermagem. E a escola estava vivendo com esse dinheiro dessas bolsas. Mais tarde, as Auxiliares de enfermagem receberam um ônibus, em 1963. (E1)

Lembra-se também que a inserção das alunas na área de saúde pública procurava responder as sugestões da ABEN em nível nacional, além de atender a uma parte da demanda que só aumentava

no Estado carente desse tipo de assistência, entre elas, as atividades relacionadas ao atendimento da mulher e da criança. Entende-se que o atendimento a este grupo sempre foi um forte nas ações de formação da Enfermeira e conseqüentemente do Auxiliar de Enfermagem. A atenção à mulher grávida e ao bebê vem dos tempos iniciais do curso da Escola (1943). Quanto à área da psiquiatria era ainda uma área desguarnecida de total ou precária assistência, daí entende-se o encaminhamento ou abertura de campo de estágio para as alunas do curso de auxiliar, de certa forma complementando, entende-se demandas regionais e locais.

Feitos estas ponderações, nota-se, no entanto, que o programa da EESVP, em sua parte profissional enfoca em uma prática sem aprofundamento técnico-científico ou especialização, apresentando uma proposta de estágio quase que completamente voltada para a área hospitalar, a qual fundamentava quase todas as suas atividades em ações individuais e curativas. Não se pode negar que, ampliando esta formação, de certa forma aproximava conteúdos e funções, a época, entende-se ainda não claramente delimitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo em questão teve o escopo mostrar uma versão dos fatos envolta do ensino da Auxiliar de Enfermagem na Escola de enfermagem São Vicente de Paulo (EESVP), em Fortaleza, Ceará nos anos de 1954-1961. Para atingir o objetivo a que se propôs, seguiram-se caminhos que retornaram a um passado recente. Entretanto, esse retorno no tempo, representou uma parte daquilo que se compreendeu necessário para se buscar as respostas e evidências científicas sem ter a pretensão de alcançar a totalidade dessa história.

Nestes termos, constata-se que o reconhecimento do curso da Auxiliar de Enfermagem da EESVP não ocorre com a primeira turma formada (1955), mas três anos depois, uma vez que este reconhecimento só se deu em 1958. O ensino da Auxiliar de Enfermagem na EESVP obedecia a dois eixos: o ensino básico (primeiro e segundo ano ginasial) e o ensino profissionalizante (eixo profissional da enfermagem). Referente ao eixo profissionalizante ou o tronco profissional desta formação foi possível colher que a proposta desta escola era quase toda voltada para a área hospitalar, a qual fundamentava quase todas as suas atividades em ações individuais e curativas. O que de certo modo, insere esta profissão no mesmo campo ocupado pela Enfermeira cearense.

Logo, constata-se a necessidade de conhecer a história da profissão para entender aonde se chegou ou aonde se chegará; a (re)leitura de épocas e situações cunhadas em volta de cada passo dado, cada elemento agregado e retirado da profissão.

Acredita-se que reconhecer essa premissa, ora citada acima, contribuirá para ampliar o olhar da categoria, assim como, refletir seu papel, sua imagem, sua identidade profissional e conseqüentemente seu reconhecimento e poder.

REFERÊNCIAS

1. Figueiredo MAG. Práticos de Enfermagem e Auxiliares de Enfermagem. *Hist enferm Rev eletrônica* [Internet]. 2016;7(1):378-380.
2. Geovanini TA. *Enfermagem no Brasil. História da Enfermagem: Versões e interpretações*. Rio de Janeiro: Revinter. 1995.
3. Frazão, ES. 30 anos: Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo 1943-1973. Fortaleza: [s.n], 1973.
4. Costa KS, Freitas GF, Hagopian EM. Homens na Enfermagem: Formação Acadêmica Posterior à Graduação e Trajetória Profissional. *Rev enferm UFPE on line.*, Recife, 2017;11(3):1216-26.
5. Carvalho AC. *Associação Brasileira de Enfermagem - 1926-1976*. Brasília: ABEn. 1976.
6. Almeida ECR. *História da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês: uma instituição de ensino superior formando enfermeiras em Caxias do Sul/RS (1957-1967)* [Dissertação de mestrado]. [Rio Grande do Sul]: Universidade de Caxias do Sul; 2014.
7. Pesavento SJ. *História & história cultural*. 2a. ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2005.

8. Bittencourt Z. Estudo sobre o currículo do curso de auxiliar de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 1964; 1(2), 21-29.
9. Alberti V. *Manual de História Oral*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: FGV; 1990.
10. Nóbrega-Therrien SM, Almeida MI, Silva MGC, Mendes ETB, Lopes RE. Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, Ceará: história e memória de uma proposta ousada-1865-1943. In: Oguisso T, Freitas GF, (Ed.). *História da Enfermagem: instituições e prática de ensino e assistência*. Rio de Janeiro: Águia dourada; 2015. p.247-271.
11. Luchese TÁ. Modos de fazer história da educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. *História da Educação*. 2014; 43, 145-161.
12. Mendes ETB. A formação da enfermeira cearense e a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943-1977). [Dissertação]. Fortaleza:Universidade Estadual do Ceará; 2013.
13. Furtado TCTA. O Nordeste: trajetória de um jornal católico [Monografia]. Fortaleza, CE, Brasil: Universidade Federal do Ceará; 1990.
14. Rodrigues MSP. De fada e feiticeira à sua imagem atual: a mulher enfermeira: cuidadora, gerente, pesquisadora. *Texto Contexto em Enfermagem*. 1997; 6 (1), 104-17.
15. Santos RM, Trezza MCSE, Candiotti ZMC, Leite JL. Circunstâncias de oficialização do curso de auxiliar de enfermagem no Brasil: estudando as entrelinhas da Lei 775/49. *Rev. Latino- Am*. 2002; 10(4):552-560.
16. Le Goff J. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp; 1996.
17. Foucault M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola; 1996.
18. Almeida ZCM. Educação e memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944) [Tese]. Universidade de Brasília - UnB, Brasília, GO, Brasil; 2009.
19. Portaria Nº 106, 28 abril de 1965. Regulamenta o Curso de Auxiliar de Enfermagem. *Diário Oficial da União, Brasília*, 28 fev. 1966. Seção 1, p. 2324.
20. Amarin WM, Barreira IA. O jogo de forças na reorganização da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2007; 60 (1), 55-61.
21. Osório IB. *Memórias de uma enfermeira*. Fortaleza (CE): LCR; 2007.